

The Bichos

Por Felipe de Menezes¹

A produção teatral no interior, embora pujante, necessita (e muito!) de atenção por parte do setor público. Muito ainda precisa de ser feito em se tratando de políticas públicas para a área da cultura nas cidades do interior paulista. É necessário um diálogo coerente e contínuo entre os interesses das sujeitas e sujeitos culturais e as gestões públicas para que essas acompanhem e deem o suporte necessário ao ritmo crescente do fazer teatral. E o 35º Festivale só comprova esse ritmo intenso. Como sabemos todes, as políticas culturais no Brasil são marcadas por três tristes tradições: ausência, instabilidade e autoritarismo. Estamos cansados de saber que eventos não são sinônimos de políticas culturais. A dinâmica de pensar a cidade em termos quantitativos (porque muitas vezes os números nos dão uma falsa impressão de que as coisas estão boas) destrói, sobremaneira, a joia mais preciosa da cidade que é o seu poder de construção de materiais simbólicos. Como um artista do interior posso dizer que São José dos Campos está na dianteira dessas questões aqui levantadas. A produção teatral da cidade é muito rica e diversa. Oxalá as políticas públicas contemplem todo esse fazer.

O Teatro d'Aldeia apresentou na tarde do dia 31 de outubro de 2021, durante o 35º Festivale, a um espetáculo que teve a sua estreia em 2018 chamado "The

¹ Felipe de Menezes é diretor, iluminador e professor de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior paulista. Atualmente é professor de teoria e história do teatro no Teatro Escola Macunaíma e na Escola Livre de Teatro. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro) além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

Bichos” – um amalgamado da fábula dos Irmãos Grimm, Chico Buarque e sucessos musicais dos Beatles.

Adriana Barja, Ana Cristina Freitas, Wallace Puosso e Jonas Di Paula compõem um elenco marcado por uma grande inteligência para o jogo e um perfeito equilíbrio na composição. O desempenho do conjunto é merecedor de destaque: as caracterizações, o tratamento irreverente na atuação, a liberdade dos atores em cena, enfim, tudo é cercado de muita beleza e encantamento.

A preparação das corpas foi brilhantemente conduzida por Robson Jacqué que trabalhou, inclusive, com procedimentos de mimese corporal. A direção musical feita por Rafael Braga valoriza o saber instrumental das atrizes e dos atores bem como suas potencialidades vocais entendendo, assim, que a função da música em um espetáculo como esse é dar todo o suporte para que a narrativa se sobressaia. E, assim, foi feito. As músicas e as corpas estão voltadas para a contação ou, como nos ensina Alexandre Mate, para a contaNARRAÇÃO.

A dramaturgia de Karina Müller insere o discurso dentro da ótica da contemporaneidade e, para isso, tropicaliza todo o caso. Um outro ponto importante dessa escrita, em parceria com a atuação, é a maneira com que o espetáculo, ao fim e ao cabo, traz à cena uma discussão de extrema relevância: as dificuldades em se trabalhar com arte – ainda mais nesses tempos pandêmicos e de políticas públicas escassas ou inexistentes, quando nos referimos ao âmbito federal.

Outro aspecto do material espetacular que merece destaque são todas as visualidades presentes na cena: um cenário flexível e multitarefa, figurinos, maquiagens e iluminação muito bem harmonizados com o conceito da encenação.

O objetivo comum do Teatro d’Aldeia, segundo está escrito em seu histórico, é “encantar plateias”. E, assim, foi feito: missão cumprida!

Evoé!